

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES**  
**MESTRES DE HOLLYWOOD**  
**22 de Dezembro de 2023**

**DOG FACE / 1959**

*Um telefilme de Samuel Fuller*

Realização e Argumento: Samuel Fuller / Direcção de Fotografia: Burnett Guffey / Direcção Artística: Robert Boyle e James Crowe / Música: Harry Sukman / Som: Josh Westmoreland / Montagem: Harvey Manger / Interpretação: Luke Anthony (Rock), Neyle Morrow (Gibson), Gerard Milton, Sasha Harden, Robert Boon, Chuck Hayward, Ivan Triesault, Paul Busch.

Produção: CBS / Cópia digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 27 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**THE DAY OF RECKONING / 1990**

*um telefilme de Samuel Fuller*

Realização: Samuel Fuller / Argumento: Samuel Fuller e Christa Lang, baseado numa história de Patricia Highsmith / Direcção de Fotografia: Alain Levent / Música: Milan Svoboda / Som: Stephane Lioret / Montagem: Suzanne Koch / Interpretação: Assumpta Serna (Hélène), Cris Campion (Jean), Philippe Léotard (André), Samantha Fuller (Suzanne), Manuel Pereiro (Ferguson), Christa Lang (sra. Ferguson), e Anthony Perkins.

Produtores: Nicole Filipo e Steven North / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 53 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*

“You’re not a killing a dog, you’re killing the enemy!”, ouve-se a meio desta espantosa miniatura fulleriana que é **Dog Face**. Espantosa, em primeiro lugar, porque tem muito de uma revelação tardia, uma surpresa vinda do coração dos anos de maior actividade de Samuel Fuller. Julgava-se definitivamente perdido até que há não muito tempo Samantha Fuller, filha de Samuel, desencantou uma cópia algures, enquanto fazia pesquisa para o seu filme **A Fuller Life** (já mostrado aqui na Cinemateca), um documentário sobre o pai. **Dog Face** foi a primeira experiência de Fuller com a televisão, nada bem sucedido do ponto de vista prático: pretendia-se como episódio-piloto para uma série que Fuller tentava “vender” à CBS, mas a CBS não quis a série e também não quis o piloto, que ao que consta nunca chegou sequer a ir para o ar, e **Dog Face** foi remetido a um limbo onde permaneceu durante décadas.

Baseia-se, como tantos filmes de Fuller, numa das suas preocupações essenciais, e também numa das suas experiências de vida essenciais: a guerra, mais concretamente a II, e a sua passagem por ela integrado na companhia que ficou conhecida como a Big Red One, e a quem, em 1980, Fuller ergueu um monumento fílmico que levou

exactamente esse nome, **The Big Red One**. Logo desde os primeiros planos fica evidente o que liga **Dog Face** a esse e outros filmes de Fuller: as situações de guerra, o dia a dia dos soldados, as relações entre eles, e a espécie de nível elementar (elementaríssimo: ao nível “do chão”, também em termos de hierarquia militar) em que isso é narrado. Mas, depois disso, não demora muito a que apareça a característica mais inesperada e mais extraordinária do filme: o principal antagonista, a entidade que condensa, tanto na prática como na abstracção, o inimigo nazi, é um cão, um cão treinado e condicionado para identificar a presença de soldados americanos e sinalizá-la às forças alemãs. Inesperadamente, é já **White Dog** (1982) que se perfila no horizonte, esse outro grande filme sobre a guerra civil do racismo nos EUA. O cão é, em ambos os casos, a personificação de uma inocência corrompida, condicionada, pavlovianamente condicionada e é a conjugação dessas duas coisas, inocência e condicionamento, que faz do cão uma presença que é ao mesmo tempo simbólica mas também emocionalmente dilacerante. É por isso que os soldados se têm que convencer de que aquilo não é um cão, aquilo é “o inimigo”. Mas e o que é “o inimigo” se removido esse rótulo?... São só outros homens, como em tantos filmes de guerra de Fuller, e aqui, de facto, um cão continua a ser um cão. Que extraordinária é a cena, toda filmada num prolongado campo/contracampo (olhar do soldado para o cão/olhar do cão para o soldado, e assim sucessivamente durante bastante tempo) e entre a “cara do cão” e o “cara de cão” (“dog face”, como se explica logo ao princípio, era uma alcunha para aqueles soldados), numa equivalência que o filma trabalha em várias direcções. E que serve, também, para desnaturalizar o acto de matar (outra tema bem fulleriano), e a hesitação do soldado é justamente um confronto entre os seus mais humanos instintos e o seu próprio condicionamento, porque, como soldado, ele deve “matar o inimigo” sem grandes conflitos interiores. A inocência é a primeira vítima da guerra, como também tantos fullers mostram: os planos finais, a lápide do cão, a quem é dado um funeral de soldado, são exactamente isso, uma figuração do túmulo da inocência.

Os animais, sobretudo galinhas, voltam em **The Day of Reckoning**, insólito contributo de Fuller para uma série franco-britânica que adaptava em cada episódio uma história de Patricia Highsmith. Fuller, que em 1990 estava a entrar na última década da sua vida (morreu em 1997, com 85 anos), dirigiu nesse mesmo ano e também para a televisão o seu último trabalho como realizador, **Tinikling – The Madonna and the Dragon**, um filme hoje tão raro que praticamente nunca se vê mencionado, e que os espectadores mais antigos da Cinemateca talvez tenham memória de ter visto em 1993, num ciclo de cinema e jornalista. Não sabemos se foi rodado antes ou depois desse, mas **The Day of Reckoning** ou o foi o último ou foi o penúltimo trabalho de Fuller como realizador. Um trabalho “em família”: Christa Lang, mulher de Fuller, co-escreveu o argumento (pessoalmente aprovado por Highsmith, que segundo contou Fuller “adorou” o tratamento da sua história feito pelo casal), e Samantha, filha de ambos, foi uma das atrizes. O filme tem toda a estranheza insidiosamente lúgubre da “highsmithiana” típica, acrescida de uma figuração, de um imaginário, que se aproxima do filme de terror, mas que no fundo, no fundo, e sobretudo aquele final com as galinhas assassinas, é uma reiteração, um pouco mais abstracta, do mesmo terror que Fuller sempre filmou, como se as cenas visualmente mais fortes de **The Day of Reckoning** fossem uma variação simbólica sobre, por exemplo, o banho de sangue nas praias da Normandia em 1944.

Luís Miguel Oliveira